

A FILOSOFIA E A HISTÓRIA EM UM BAILE DE MÁSCARAS: ENTREVISTA COM O PROF. DR. FLÁVIO FÊO

Ariadne Marinho
Viviane Gonçalves da Silva
Outras Fronteiras, PPGhis, UFMT



Prof. Dr. Flávio Fêo, Collège de France, Paris, 2018.

Nasceu em Guaraniáçu, Paraná, no ano de 1976. Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção, São Paulo (1998). Especialização em Filosofia e Psicanálise na UNIOESTE, Toledo-PR (2002). Mestrado (2006) e doutorado (2018) pela PUC-PR. Migrou para Cuiabá-MT em 2006 em busca de espaço e oportunidade de trabalho. Inicialmente contratado pelo UNIVAG. Atualmente é professor em instituições públicas e privadas de Ensino Superior (UNEMAT/Diamantino –

Faculdade Católica de Mato Grosso) e também na Educação Básica – SEDUC-MT). Seus trabalhos, calcados na Filosofia Contemporânea, transitam em diversos campos filosóficos, entre os quais destacam-se as discussões da crítica da Modernidade, problemas de método na História da Filosofia, articulações entre História e Filosofia, Ética e Tecnologias do eu. Os pensadores de seu maior interesse são: Nietzsche; Heidegger e Michel Foucault. Tem publicado assiduamente na ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia), em 2015 “Série e Acontecimento em Michel Foucault”; em 2017 “Historiografia e Arqueologia - O problema da História das Ideias”; em 2019 “Foucault, História e Acontecimento”. Nesta entrevista, Flávio Fêo declara sua admiração pela História dos *Annales*, rigorosamente tensionada na leitura de Foucault. Vamos ao resultado.

[ROF] Prof. Dr. Flávio Fêo, gostaríamos que nos apresentasse sua trajetória acadêmica.

Fiz minha graduação em São Paulo e em seguida voltei ao interior do Paraná. Minha trajetória de pesquisador tem início numa especialização em filosofia e psicanálise pela UNIOESTE de Toledo onde tive a oportunidade de conhecer e ser orientado pelo Prof. Daniel Omar Perez (hoje na Unicamp). Naquela ocasião li minhas primeiras páginas sobre Freud. Na graduação nossa abordagem da psicologia havia sido estritamente comportamental. De certo modo, foi também quando tive contato, de maneira mais efetiva, com as pesquisas de Foucault, depois de uma conferência com o professor Roberto Machado e de Nietzsche, pelo professor Oswaldo Giacoia Jr. O mesmo se poderia dizer de Heidegger com o professor Fausto Castilho e ainda das relações entre Kant, Heidegger e Winnicott, através do professor Zeljko Loparic. O contato com esses autores e pesquisadores foi possível porque à época o professor Daniel realizava seu doutorado justamente na Unicamp sob orientação do professor Loparic, enquanto coordenava a pós-graduação do curso de Filosofia da Unioeste. A monografia de conclusão dessa especialização teve como título: “A recepção do Totem e Tabu como antropologia evolucionista e sua afirmação enquanto obra de psicanálise.”

Logo a seguir, mantendo o contato com o professor Daniel realizei os exames de mestrado na PUC-PR em Curitiba, e apresentei um projeto de pesquisa sobre a noção de “cuidado”, que pretendia levar em conta a leitura de Freud, Heidegger e Foucault. Por fim, depois da aprovação nos exames e, por necessidades óbvias de delimitação, optamos por trabalhar apenas com Foucault. Após a defesa e por vicissitudes da vida ficamos alguns anos longe da pesquisa. Anos mais tarde, no projeto de doutorado pretendia retomar aquela intuição da *Aufklärung* como acontecimento na história das técnicas de si, de que falava Foucault e que já havíamos tratado no terceiro capítulo da dissertação. Ao longo do caminho optamos por trabalhar a constituição da noção de acontecimento de maneira específica na *Arqueologia do Saber*¹ onde a contribuição dos historiadores dos *Annales* parecia decisiva. Pelo menos se levamos Foucault a sério na introdução da Arqueologia.

[ROF] Fale-nos sobre sua dissertação de mestrado intitulada: “Ascese como exercício da atualidade no último Foucault”. Quais foram suas principais preocupações e o que abordou especificamente nesse trabalho.

¹FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

Faz bastante tempo. Mas certamente foi um trabalho interessante. À época não havia tradução do curso de 1982, que Foucault deu o nome de *Hermenêutica do Sujeito*.² Pelo menos não no início da pesquisa. Mas em seguida saiu a tradução primorosa dos professores Salma Tannus Muchail e Marcio Alves da Fonseca. Este curso trata das relações entre o que Foucault chama de sujeito e verdade, ou mais especificamente, do problema do “cuidado de si”. Cito Foucault na aula de 6 de janeiro de 1982, § 2: “A questão que apreciaria abordar neste ano é a seguinte: em que **forma** de história **foram tramadas**, no Ocidente, **as relações**, que não estão suscitadas pela prática ou pela análise histórica habitual, entre estes dois elementos, **o ‘sujeito’ e a ‘verdade’**” (grifos meus).

O desafio que me propus naquela ocasião era, antes de tudo, dar conta da leitura do curso (são quase 700 páginas) e, feito isso, pensar uma perspectiva que era quase uma tese, a saber, aproximar e problematizar o cuidado de si (enquanto ascese) da noção desenvolvida por Foucault quase na mesma época, a propósito do opúsculo de Kant a respeito da *Aufklärung*, isto é, a noção de atualidade.

[ROF] Quais foram os pontos de tensão na utilização dos conceitos de “ascese” e “verdade”?

Me parece que são muitos pontos de tensão, de fato. A noção de tensão é acertada, porque não se trata na ascese, nem de um começo, nem de um fim, mas de um movimento que precisa permanecer. Trata-se de uma inquietação em que se assume o norte ou se é levado pela inautenticidade. Será justamente por esse aspecto de tensão, de inquietação, que propomos a aproximação entre ascese e atualidade. A atualidade, assim como a *Aufklärung* é um processo permanente que busca a constituição de um si sempre singular, sempre outro, sempre em conversão, nunca idêntico. O paradigma da identidade pelo qual a tradição filosófica se construiu enquanto metafísica é superado, na leitura de Foucault, tanto no cuidado de si dos antigos, quanto na *Aufklärung* kantiana. Colocada nessa perspectiva, tanto o *esclarecimento*, *Aufklärung*, quanto o *cuidado de si* (*ascese*) podem ser pensados como exercícios, ou tecnologias de construção da própria subjetividade, ou ainda como condição de acesso à verdade. Na medida, justamente, em que não se chega à verdade, mas o que se pode

²FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

fazer é estar preparado para ela. O que é a função das técnicas de si, do que os antigos chamavam de *paraskeué* (em latim *instructio*), que são como que equipamentos que nos preparam para o encontro com os mais diversos acontecimentos da vida.³

[ROF] Defendeu sua tese de doutorado no ano de 2018, intitulada “Acontecimento e história: Foucault e os historiadores”. Do que se trata especificamente? Como o senhor aborda a história em seu trabalho a respeito de Foucault?

Inicialmente a História que me interessa é aquela inventada, ou criada pelos *Annales*, ou seja, a ideia de uma história/problema. A história pensada a partir de seu método. Não se trata mais de pensar os fatos, a substância do tempo, mas agora procura-se o acontecimento, o atributo de relações possíveis (embora não necessárias).

Uma História-problema será a que se articula pela iniciativa do próprio historiador, que passa a interferir diretamente na constituição desses problemas da História e que agora estarão intimamente ligados ao presente, isto é, serão contemporâneos do historiador. Essa proposta permitirá, principalmente com o advento da História Serial nos anos de 1960, uma rearticulação da noção de acontecimento. Se o acontecimento já não é o fato a ser descoberto nos documentos, será o *phénomène*, como dizia François Furet, a ser escolhido e construído em torno da regularidade de uma série composta de dados idênticos e repetíveis. Dados que já não existem em si mesmos, mas apenas em relação a um sistema passível de análise interna.

Minha tese neste aspecto é a de que esse modelo de história se propõe a condicionar todo discurso histórico, à inserção de um não-histórico, como possibilidade da história. Explico: a história dos *Annales* foi aquela que não pensou a partir de si mesma e então lançou seu olhar delimitador a toda realidade, mas ao contrário: saiu de si e procurou à sua volta, na Geografia, na Sociologia, na Antropologia, na Demografia e em muitos outros lugares do saber a condição de sua possibilidade.⁴ Neste caso, foi necessário acompanhar os desdobramentos dessa perspectiva naquilo que por um lado inovou o discurso do historiador e por outro aproximou

³ Cf. FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Op. Cit. p. 387.

⁴ Preferimos usar a noção de lugar porque etimologicamente lugar se refere a uma posição, portanto, aponta para a provisoriade. A noção de campo implica em espaço de extensão, não indica mobilidade que é o que queremos pensar aqui.

estes historiadores de Foucault, a saber, a multiplicidade do tempo e também de sua descontinuidade.

[ROF] Na tese temos a seguinte afirmação, “[...] o acontecimento não pode ser confundido com o fato histórico”, faz-se alusão ao objeto de pesquisa apontando para suas opções teóricas/metodológicas. Explique-nos sobre suas escolhas durante a produção da escrita e quais as implicações da noção de “acontecimento” na *Arqueologia do Saber* para a narrativa histórica.

O movimento dos *Annales* se caracterizou não apenas por pensar a história a partir da dispersão, da pluralidade dos objetos investigados, o que foi chamado de história-problema. Neste ponto, a aproximação com Foucault é bastante evidente. Mas existem outras características que apresentam uma dificuldade maior nessa aproximação. Uma das dificuldades que demandam um cuidado analítico, crítico e etimológico, diz respeito justamente à censura à noção de acontecimento, que são explícitas e fundamentadas no famoso artigo de Braudel de 1958⁵, em que ele apresenta a noção de longa duração, como que em oposição à noção de acontecimento. O segundo ponto está ligado a outro tipo de censura por parte destes historiadores. Trata-se de evitar a Filosofia. O que de certo modo se tenta contornar por uma certa convergência com as Ciências Sociais. A questão é que por traz dessa aparente censura ao acontecimento e a Filosofia, existe um grande mal entendido, se é que se pode colocar o problema desse modo. Em relação ao primeiro ponto, nos parece haver uma confusão entre as noções de fato e acontecimento, que são justapostas como se tratassem do mesmo fenômeno. Por isso nos propomos na tese, já na introdução, a verificar a sustentação desta contiguidade. O que se descobre é que ela não se sustenta, nem do ponto de vista etimológico, menos ainda do ponto de vista semântico. Em termos conceituais, fato se refere sempre a substância e, acontecimento a atributo. O fato se encerra nele mesmo como ponto de partida e também de chegada. O acontecimento é sempre efeito de relações possíveis, mas que não são necessárias. Ontologicamente pode-se dizer que o fato é concreto, é real, existe, é um ser. O acontecimento ao contrário, apenas participa do ser, nunca realmente é, de maneira definitiva. O acontecimento é um modo de ser.

⁵BRAUDEL, Fernand. *Histoire et sciences sociales: la longue durée*. Annales E.S.C., nº 4, Oct-déc. 1958, Débats et Combats, pp. 725-753.

Em relação ao mal entendido sobre a Filosofia, é preciso se voltar à história dos sistemas de pensamento e compreender que as filosofias da história, típicas do século XIX, não podem representar toda Filosofia. Estas foram um modelo importante de leitura da realidade, que se propunha a compreender de maneira total e sistemática as diversas estruturas da vida, dentro de uma perspectiva totalizante, da qual os historiadores se viram muitas vezes envolvidos. Veja-se a influência de Hegel. A verdade é que História e Filosofia da história, pelo menos no século XIX, eram irmãs gêmeas. Os *Annales*, como se sabe, pretendiam romper com esse modelo. E naquele momento a Filosofia parecia ter unicamente a perspectiva totalizante da qual os novos historiadores pretendiam se desvencilhar. Assim como os *Annales*, entre outros movimentos e historiadores, não permaneceram fiéis aos modelos de história do século XIX, a Filosofia do século XX também não permaneceu hegeliana. A menos que essa influência seja revista como é o caso da recepção de Hegel na França via Kojève e Hyppolite. Nosso primeiro capítulo trata justamente dessa releitura de Hegel na qual o próprio Foucault se inclui. Como se sabe, Foucault foi orientando de Hyppolite em sua tese de doutorado. Hyppolite é o autor de *Gênese e Estrutura da Fenomenologia do Espírito*, texto fundador de um novo hegelianismo na França. A Filosofia representada por Foucault será uma Filosofia da singularidade, do acontecimento, em oposição às filosofias totalizadoras da identidade. Portanto, o alerta de Braudel a respeito do acontecimento (fato) e da filosofia (da história), não alcançam a filosofia foucaultiana, que é também uma história arqueológica.

[ROF] Por que uma História arqueológica?

Falamos de uma História Arqueológica no quarto capítulo da tese, fundamentalmente no que diz respeito ao contexto específico d'*A Arqueologia do Saber*. Neste caso, apresentamos os elementos da crítica de uma recusa da História, conforme Sartre, para demonstrar, pela caracterização da análise arqueológica e do estabelecimento do estatuto do acontecimento em sua relação com a nova História, o equívoco desta avaliação (de Sartre). Se a noção de História constituída durante o século XIX se fundamentava na unicidade do tempo, tanto a *histoire nouvelle* quanto Foucault, nos propiciaram, cada um a seu modo, uma virada epistemológica no próprio estatuto da História, que nos permitiu não apenas repensar a categoria de tempo a partir de sua multiplicidade, mas também esvaziá-la, substituindo-a pelo interesse, sempre

contemporâneo do historiador, pelos acontecimentos em sua dispersão. N'A *Arqueologia do Saber* está claro que em oposição à unidade do tempo a *histoire nouvelle* propõe a diversidade das séries, que enfim permitirão o aparecimento dos acontecimentos como efeitos da elaboração metodologicamente organizada destas séries. A desnaturalização dos acontecimentos é uma lição aprendida de Nietzsche, mas os instrumentos metodológicos para esse modelo de análise histórica são compartilhados por Foucault com a *histoire nouvelle*.

[ROF] O que aproxima Foucault da *histoire nouvelle*?

Este, de fato, é o termo adequado: aproximação. Não se pode apenas justapor, sem mais, o trabalho de uns e outros por pura comodidade. Foucault tem seus próprios interesses, que são filosóficos, porém, onde considera que a história, assim como a literatura, a medicina, o direito, podem ajudar a pensar, ele também ali se coloca. O interesse pela desnaturalização dos objetos da história – no caso de Foucault - não apenas dos objetos, mas da própria noção de História, que enquanto “universal antropológico” precisa ser levado em conta, mas com alguma cautela – é o que aproxima Foucault dos *Annales*. Na *Arqueologia do Saber* esta proximidade é evidente não só na introdução, mas também no corpo do texto onde a ideia de discurso é desenvolvida e explicitada.

N'A *Arqueologia do Saber* Foucault já havia alertado que essa mutação epistemológica da História “não data de hoje, mas que, sem dúvida, ainda não se concluiu.”⁶ O importante é que ela já não se sustentava naquele modelo do tempo único, dos acontecimentos singulares, mas ao contrário, multiplicava as possibilidades de articulação da temporalidade pela análise de uma diversidade infindável de acontecimentos, por vezes raros, por vezes numerosos, todavia, destituídos de importância em si mesmos. Estes acontecimentos desnaturalizados se alinhavam perfeitamente ao que Foucault chamou de acontecimento enunciativo, onde a questão a ser respondida era a de saber porque determinados acontecimentos atingiram uma determinada configuração, num determinado tempo e lugar. Não se tratava de pensar o que

⁶FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Op. Cit. p. 7.

haveria por trás de um acontecimento e poderia justificar sua existência, mas apenas de compreender que tipo de relações entre grupos de enunciados muito diferentes, e de ordens discursivas diversas, viabilizaram a existência de um determinado acontecimento e não de outro em seu lugar.

Será neste deslocamento dos acontecimentos, de entidades singulares a atributos de relações possíveis, que encontraremos uma aproximação plausível entre Foucault e os historiadores. Se o pressuposto dos acontecimentos históricos passava pela tarefa de encontrá-los um sentido, a fim de que pudessem suprimir-se de sua dispersão e adequar-se a um regime de sucessão e continuidade do tempo, agora, por esse deslocamento do descontínuo e sua passagem de obstáculo à prática, ele se constitui numa operação deliberada do historiador. O que significa dizer que é o resultado de sua descrição e se apresenta como que integrado ao discurso do historiador. Não como uma fatalidade exterior a ser suprimida, mas como conceito operatório. Finalmente, foi graças a este deslocamento das discontinuidades que o acontecimento deixou de ser o negativo da leitura histórica, para tornar-se “o elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise.”⁷

[ROF] “Para Michel Foucault, fazer filosofia implicava num movimento permanente de deslocamento do pensamento, onde o não-filosófico é a condição da própria filosofia” (FÊO, 2018). Qual o significado desse pensamento para a sua prática filosófica?

Como dissemos acima, embora possa haver algum equívoco numa relação apressada entre a negação da Filosofia por parte de alguns historiadores (principalmente por uma acepção hegeliana, sistemática, muito ligada à filosofia da história), com toda a filosofia, como se houvesse “uma” filosofia, pois bem, esta mesma negação poderia paradoxalmente louvá-la, isto é, reconsiderar essa aproximação com Hegel, desde que pudesse conhecer outras formas de interpretação para Hegel. E o paradoxo está em que a possibilidade de aproximar Foucault dos *Annales* pode esconder justamente uma leitura foucaultiana de Hegel, via Hyppolite que, não

⁷ FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Op. Cit. p. 11

obstante propor-se a pensar contra Hegel, acaba por reencontrá-lo logo à frente, como o próprio Foucault declara na *Ordem do Discurso*.⁸

O que caracterizará fundamentalmente esta leitura de Hegel, via Hyppolite, será a perspectiva de uma espécie de esvaziamento da filosofia, que tem a função de lhe permitir abrir-se ao não-filosófico, de modo privilegiado à História. Desde então, para Foucault, não se colocará o problema de uma sobreposição da Filosofia sobre a História, ou, da História sobre a Filosofia. A lição aprendida de Hyppolite é a de ser historiador no espaço da própria Filosofia. Fazer filosofia seria trabalhar a partir do não-filosófico, sem o qual a própria Filosofia não pode ser o que é. Essa perspectiva já antecipa, de certo modo, o que algum tempo depois Foucault irá chamar de *acontecimentalização*⁹, no sentido de que a Filosofia jamais está atualizada em nenhum discurso, mas se constitui na medida em que se coloca em contato permanente com o não-filosófico.

[ROF] Talvez possa falar da importância de Michel Foucault. Por que o estudar? Qual a atualidade do seu pensamento? E qual a pertinência para a análise da realidade brasileira atual?

A importância de Foucault está no seu risco. Foucault resgata aquilo que se produz numa regularidade cultural, num acontecimento que se queira e poderia ser pensado como pesado, destrutivo, autoritário, ou mesmo libertador e saudável, todavia costumeiro e familiar. Em uma palavra: na ordem do discurso e investe na descrição da rarefação discursiva. A investigação da regularidade e raridade do discurso é que constituem o risco, do qual aqui só podemos mencionar a importância. São ferramentas de desnaturalização.

⁸“Mas escapar realmente de Hegel supõe apreciar exatamente quanto custa separar-se dele; supõe saber até onde Hegel, insidiosamente, talvez, aproximou-se de nós; supõe saber, naquilo que nos permite pensar contra Hegel, o que ainda é hegeliano; e medir em que nosso recurso contra ele é ainda, talvez, um ardil que ele nos opõe, ao termo do qual nos espera, imóvel e em outro lugar”. FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 2012, p. 68.

⁹A noção de acontecimentalização será usada pela primeira vez por Foucault em 1978 no contexto de um debate com um grupo de historiadores. Lá ele explicava que a acontecimentalização deve ser entendida como “uma ruptura absolutamente evidente, em primeiro lugar. Ali onde se estaria bastante tentado a se referir a uma constante histórica, ou a um traço antropológico imediato, ou ainda a uma evidência se impondo da mesma maneira para todos, trata-se de fazer surgir uma “singularidade”. Mostrar que não era “tão necessário assim”. (...) Ruptura das evidências, essas evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas”. FOUCAULT, M. *Mesa-Redonda em 20 de maio de 1978* (pp. 328-344). FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos IV*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 332.

Por outro lado, Foucault é necessário porque nos alerta a não sucumbirmos às objetivações de saber e poder, porque há espaço para nos produzirmos. O exercício, a ascese de nós mesmos, não só em função de um padrão de objetivação, mas como produção de subjetividade, é a perspectiva mais atual a qual podemos aspirar. E se Foucault retorna ao período helenístico, ou mesmo a outros momentos da história das tecnologias de si, não se trata de anacronismo, porque ele já não tem uma perspectiva linear do tempo, de modo que o tempo da liberdade na arte e no trabalho de si não são exclusividade dos helênicos, dos cristãos (que esperavam a volta de Deus como um ladrão a quem não se pode prever a chegada), nem de nenhum outro momento específico. Trata-se, como disse Rancière, de *anacronia*, isto é, a convivência de múltiplas linhas de temporalidade e a articulação dessa diversidade. Neste sentido, a atualidade deve ser pensada como ativação ou reativação. O trabalho que compete à Filosofia, de acordo com Foucault, deve ser o de “reativar” na atualidade aquilo que implica numa atitude ascética e que, portanto, não demanda *atualização*, mas reativação, na medida em que o vigor da ascese permanece sempre presente, mesmo quando esquecido, como possibilidade permanente do exercício de si. Virtude e vontade não se atualizam, mas se reativam, porque demandam um esforço de liberdade e autonomia no pensamento.

Sobre o Brasil e nosso momento histórico de angústia, incerteza e ódio, disseminado por desinformação e *fakenews*, imagino que Foucault não teria muito mais a dizer, além do que já acompanhamos pelos seus textos. Neste caso, sua importância está em ter construído uma alternativa teórica ao marxismo e à fenomenologia. Como se sabe, Foucault não tem uma teoria do poder, pelo mesmo motivo que não apresenta uma teoria do conhecimento. O que propõe é uma análise do poder, seu interesse é pelo modo como um regime de poder se sustenta. E isso não tem nada a ver com um sujeito constituinte. Para dizer de modo bastante simplista. A questão está sempre em pensar como um determinado problema se tornou historicamente possível e não o contrário, ou seja, não se trata de justificar teoricamente um determinado fato ou sujeito histórico pelo pressuposto de sua necessidade.

Claro que nenhuma análise, seja filosófica, sociológica ou histórica teria condição de falar do futuro. Nenhum de nós tem muito a dizer sobre o futuro. Tampouco sobre o que ainda é recente. A prova disso foram os equívocos de Foucault sobre os desdobramentos da Revolução Iraniana que ele acompanhou pessoalmente.

Por fim, Foucault falou diversas vezes sobre o papel da Filosofia enquanto diagnóstico da realidade, mas nunca sobre prognóstico, o que parece sábio. Tem-se visto diversas falas recentes em textos, *lives*, vídeos, sobre as análises de Foucault a respeito do neoliberalismo, sobre o nascimento da biopolítica, ou ainda seus cursos sobre segurança, território e população, mas as análises de Foucault nesse sentido, ainda que úteis, são bastante localizadas e não poderiam levar em conta, a não ser em linhas gerais, os nossos problemas específicos. Como dizia Chartier, é preciso pensar Foucault contra Foucault. Neste sentido precisamos formular nossas próprias análises.

[ROF] No capítulo 10, “A filosofia como possibilidade de uma vida boa”, da obra Pessoas & bem-estar, publicado pela Umanos Editora (2019), apresentou-nos o conteúdo de suas reflexões acerca de duas tradições filosóficas, a saber: “Conhece-te a ti mesmo” e “Cuidado de si”, assinalando que somente na correlação entre ambas o indivíduo ético teria condições de desenvolver tecnologias (do eu) para a possibilidade de uma vida boa. Qual a motivação para a aproximação entre filosofia e vida boa?

Esta relação é aquela que caracteriza o período Helenístico na Filosofia grega, principalmente entre os estóicos. Para estes, a Filosofia devia ser tratada como sabedoria de vida, como exercício de si no pensamento, ou ainda, como *ethos* filosófico. Para os antigos, uma vida boa é uma vida bonita que leva a uma subjetividade em constante produção. Produção aqui nos remete a *poiesis* que implica na criação dessa vida bonita. Por isso podemos falar de uma estética da existência a partir da Filosofia grega do período helenístico.

O pano de fundo para esta relação está numa composição que parece ter sido perdida pelo ocidente, pelo menos desde que Descartes¹⁰ identificou a possibilidade do acesso à verdade à medida na qual se possa identificar um método, fundado na evidência do que seja indubitável. Desde então, não é mais necessária uma conversão, um processo de ascese, um esforço de si

¹⁰Como sabemos, para Foucault até o século XVI ascetismo e acesso à verdade estão sempre mais ou menos obscuramente ligados na cultura ocidental, mas Descartes rompeu com isso quando afirmou que “para alcançar a verdade é suficiente que eu seja *qualquer* sujeito que pode ver o que é evidente”. Cf. FOUCAULT, M. *Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho*. pp. 253-278. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 277.

sobre si no pensamento. O que importa é que se tenha o método adequado. É notável que essa compreensão foucaultiana tão esclarecedora sobre as fórmulas alienantes de mídia e literatura de aeroporto, mais conhecidas como auto-ajuda, tenham sido pouco exploradas. Mas ela está na raiz dessa ruptura entre cuidado de si e conhece-te a ti mesmo que ainda hoje nos caracteriza culturalmente. No livro mencionado acima, em que participamos com um capítulo, procuramos demonstrar justamente que as vicissitudes da vida não demandam fórmulas prontas ou caminhos objetivos para a felicidade (aliás, a felicidade é mais uma destas ideias pouco exploradas pacientemente). O que precisamos é de uma recomposição entre as responsabilidades do cuidado de si, que não podem ser encontradas em nenhum método à venda, mas ao contrário implicam em ascese e atitude de *aufklärung* (entendimento), para mencionar o tema kantiano, e conhece-te a ti mesmo que é aquela condição que expressa o lugar das regras, dos métodos e das medidas que então poderão fazer sentido, porque retomadas desde a liberdade do sujeito, que é capaz de se auto-constituir em sua singularidade.

[ROF] Quais as intersecções possíveis entre “História, Mídia e Linguagens” ao longo de suas pesquisas?

Mencionei que quando iniciei o mestrado ainda não se dispunha da tradução do *Hermenêutica do Sujeito*, o curso de 1982 do Foucault. Essa época me remete a um contexto em que o acesso aos cursos no original, a quem pudesse pesquisar Foucault na França, teria que buscar uma autorização junto ao Centro Michel Foucault¹¹, para ouvir os áudios de fita cassete, ou ler as anotações disponibilizadas em microfilme. Hoje se vive uma realidade bem diferente, na medida em que foram publicados todos os cursos em primorosas edições críticas, tanto no original quanto em português. O mesmo se pode dizer dos livros e dos *Dits et Écrits*. Estas três referências (livros, cursos, ditos e escritos) compõem a obra de Foucault que pode ser encontrada com alguma facilidade, se levarmos em conta as dificuldades do passado. Claro que por questões editoriais (econômicas), os Ditos e Escritos no Brasil são publicados em mais de 10 volumes, divididos por temas, o que torna o acesso oneroso. No original são apenas dois volumes em ordem cronológica.

¹¹ <https://centremichelfoucault.com/>

[ROF] A obra *Entretiens sur la fin des temps*, lançada em 1998 e traduzida ao português pela Editora Rocco, em 1999, apresentava uma reflexão sobre um eventual “fim do mundo” na passagem do século XX ao XXI. No cenário atual, vale dizer, em tempos de pandemia mundial causada pelo vírus Covid 19, e diante dessa paisagem caótica, desumana e devastadora, aproprio-me de uma pergunta central do referido livro: “Fim do tempo ou fim dos tempos?” e lhe estendemos a questão.

São muitos os tempos e muitas as temporalidades. Os tempos se referem às diversas perspectivas e abordagens do que entendemos como movimento. Também na perspectiva cronológica, mas fundamentalmente em relação aos diversos modos pelos quais a mudança pode ser percebida nos entes em seus múltiplos aspectos. A temporalidade por outro lado, diz respeito ao modo como os entes singulares podem lidar com a mudança, tanto as que surgem do mundo do outro ou dos outros do outro, quanto as que surgem em mim, por mim. Evidentemente que aqui vai uma simplificação da questão, na medida em que pareço preservar uma distinção entre sujeito e objeto que não é minha intenção. De qualquer modo, não é possível problematizar suficientemente neste espaço. Só posso dizer que minha leitura do tema se situa numa linha fenomenológica do problema. A distinção que propomos aqui diz respeito ao modo como todos nós percebemos o tempo, por um lado, e por outro, ao modo como o tempo é percebido na singularidade dos indivíduos, ao que chamamos de temporalidade. Um pouco na perspectiva do pensamento heideggeriano quando trata das estruturas do *dasein*.¹² Sendo assim, as duas perspectivas apontadas na pergunta são válidas como problema. Porque o tempo, como uma linha cronológica geral à qual estamos todos submetidos, sempre acaba e sempre recomeça. Pelo menos até o ponto onde nosso medo permanece como medo, isto é, enquanto a sensação de fim indica apenas uma retomada, mesmo que trágica, brusca, violenta, como foram as guerras mundiais mais recentes. Para além do que já vivemos, há apenas o presente que precisa lidar sempre de novo com tragédias, violências e mais uma vez, o medo. Por outro lado, o tempo no plural, isto é, as temporalidades, tem tantas medidas quantas são as singularidades de cada indivíduo. Daí que o fim dos tempos não tem como ser medido. Porque o fim, o começo,

¹²HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

a manutenção do mundo, neste caso, implica no modo como cada um significa os próprios eventos.

[ROF] Um grande desafio apresentado pela pandemia diz respeito à Educação. Na atualidade, o Ensino à Distância passou a ser praticado pelo município de Cuiabá e por algumas instituições de Ensino Privado. Conte-nos sua experiência com Educação a Distância e se este seria o caminho para as instituições públicas de ensino.

O que este momento de pandemia escancara no Brasil é a desigualdade, que do ponto de vista da Educação também vem fortemente à tona pela dificuldade de acesso aos meios eletrônicos de comunicação. Particularmente tenho me confrontado com esta questão nas instituições onde trabalho atualmente e me sinto de mãos atadas. E a questão vai além do problema do acesso às ferramentas virtuais. Os próprios profissionais da Educação não estão nenhum pouco à vontade no sentido de estarem bem preparados para esse momento. Claro que esse é o menor dos problemas, porque com algum tempo e boa vontade estaremos aptos a extrair o melhor destes meios. A questão que permanecerá por mais tempo é realmente a do acesso democrático a estas ferramentas. Quanto a se este será o caminho, me parece inevitável. Mas acredito que deva ser utilizada como mais uma ferramenta, nunca a única. É preciso preservar a humanidade que ainda temos.

[ROF] Quais as contribuições mais importantes e duradouras de Foucault para a Educação?

Me parece que uma das grandes contribuições de Foucault para a cultura, de uma forma geral, está dada no método arqueo-genealógico. A implicação da arqueologia e da genealogia foucaultiana está em atentar-se sempre de novo ao modo pelo qual aderimos por processos de objetificação e subjetivação ao que está posto numa determinada formação discursiva, por um lado e, pelos dispositivos de poder, por outro. Estes processos estão em constante movimento, em constante relação e dão origem a “jogos de verdade” nos quais podemos nos perceber como objetos de um conhecimento possível, ou ainda sob o controle das tecnologias de poder. Nesta perspectiva é que se pode ler os primeiros livros de Foucault. Haverá uma mudança nesta perspectiva de análise no final da década de 70 quando Foucault

passa a se perguntar pela condição de possibilidade da autoconstituição de um si, pela produção da própria subjetividade.

O elemento de contribuição a que queremos chamar a atenção aqui está na estratégia do método. Foucault considera que tudo que nos é proposto como saber universal precisa ser experimentado e analisado. O que significa não aceitar nada como válido antes que se possa interrogar sua constituição histórica. Em outras palavras, é preciso desnaturalizar ou dessubstancializar o que nos é dado como verdadeiro, acompanhar sua constituição histórica e reconhecer que o que se põe como necessário não é tão necessário assim. Não se trata de negar todo tipo de conhecimento, mas de manter-se cético, tanto quanto possível, até que se evidenciem os processos pelos quais se produziu um determinado jogo entre o verdadeiro e o falso que se naturalizou entre nós ao ponto de nos parecer familiar. Resumidamente, é este tipo de postura que se costuma chamar de “o risco Foucault”. No entanto, sem este risco (que é o risco da própria Filosofia, o risco de uma vida autêntica, no sentido de plena, de levada ao seu melhor), não há de fato e não pode haver educação, mas apenas domesticação e controle, tanto do corpo quanto do pensamento.

Recebida em 06 de junho de 2020.

Aprovada em 11 de junho de 2020.